



Editorial

No ano de 2011, um evento bastante importante para a pesquisa em Educação em Ciência foi a mudança introduzida pela CAPES nas áreas de pós-graduação. Foi extinta a área 46 (Ensino de Ciência e Matemática) e criada a área Ensino. Esta mudança nos atingiu diretamente, pois um grande número de pesquisadores da ABRAPEC está vinculado às pós-graduações da extinta área.

Certamente não podemos estar satisfeitos pelo modo como tal mudança foi encaminhada e realizada: no mínimo faltou sensibilidade e competência, por parte da direção da CAPES, para lidar com as previsíveis resistências das pós-graduações vinculadas à área 46. Sem dúvida a criação dessa área deu grande impulso para as várias pós-graduações que iniciavam seus mestrados acadêmico e profissional e seus doutorados, especificamente em Ensino de Ciências e Matemática. A extinção dessa estrutura somente poderia ser vista como um ataque, exigindo muito diálogo para superar o impasse. Diálogo que de fato não existiu.

No entanto, não é este o foco de nosso editorial: nossa preocupação é com o presente e, sobretudo, com o futuro, pela incerteza dos cenários que se apresentam como possíveis. Entendemos que a criação de uma área de Ensino mais ampla do que o Ensino de Ciência e Matemática pode ter a perspectiva de estimular as novas pós-graduações (em ensino de engenharia, geografia, história, filosofia, literatura, etc.) a crescerem, adquirindo uma massa crítica de pesquisadores e um conjunto de produções, semelhante àqueles conquistados no Ensino de Ciências e Matemática.

Neste cenário, a área de Ensino progressivamente se desdobraria nas sub-áreas Ensino de Ciência e Matemática, Ensino na Saúde, Ensino de Engenharias e Tecnologias e Ensino de Humanidades, Linguagem e Ciências Sociais. Simultaneamente haveria uma transferência e um aprofundamento dos critérios de avaliação da formação no Mestrado acadêmico e profissional e no Doutorado.

No entanto, outro cenário, bem menos desejável, poderia se apresentar: o crescimento pouco controlado dos mestrados profissionais, com a perda de referências na avaliação do processo de formação e, sobretudo, com o esvaziamento do rigor e da qualidade com os quais atualmente são avaliadas as pesquisas e seus resultados, sobretudo no mestrado acadêmico. Seria uma infeliz iniciação à pesquisa para nossos pós-graduandos.

No caso da direção da CAPES escolher uma inclusão significativa de mestrados profissionais seria necessária uma rápida definição de critérios de avaliação que torne clara a excelência que se pretende nesse tipo de programa.

Entretanto, seria fundamental que um diálogo mais frequente e produtivo se estabeleça entre a direção da CAPES e a comunidade de pesquisadores em Ensino de Ciências e Matemática, no sentido de que as soluções que forem implementadas satisfaçam a todas as partes.

Alberto Villani & Cristiano Mattos